

# Do provérbio em contexto didáctico: proposta de trabalho

Pedro MARTINS  
Universidade de Siena (Italia)  
pscmartins@gmail.com

Recibido: 22-03-2010

Aceptado: 30-04-2010

**Título:** « Sobre el refrán en el contexto didáctico: propuesta de trabajo »

**Resumen:** El refrán como unidad lingüística, semántica y cultural constituye un elemento ideal para el desarrollo de habilidades de comunicación avanzadas.

Bajo el *Marco común europeo de referencia para las lenguas*, el usuario competente (niveles C1 y C2) presenta ya habilidades lingüísticas y sociolingüísticas que le permiten un buen dominio de los enunciados derivados de la sabiduría popular, como los refranes. En el contexto educativo, sin embargo, el refrán es a menudo ignorado, no existiendo aún así suficientes estructuras de enseñanza y aprendizaje que aborden directamente esta cuestión.

Basándonos en estos datos y en una propuesta de trabajo original, nos disponemos a presentar una unidad didáctica que, simultáneamente, prevea y estimule no solo un análisis, sino también el uso de los refranes por parte de alumnos de Lengua y Cultura Portuguesa.

**Palabras clave:** Paremiología. Didáctica. Portugués Lengua Extranjera.

**Titre :** « Du proverbe dans le contexte éducatif: proposition de travail »

**Résumé :** Le proverbe comme unité linguistique, sémantique et culturelle représente un élément essentiel pour le développement des compétences de communication au niveau avancé. Suivant le *Cadre européen commun de référence pour les langues*, l'utilisateur expérimenté (niveaux C1 et C2) a déjà développé des compétences sociolinguistiques qui lui assurent une bonne maîtrise des unités linguistiques issues de la sagesse populaire, comme les proverbes. Dans le contexte éducatif, cependant, le proverbe est souvent ignoré, car il n'existe pas de structures d'enseignement/apprentissage en mesure de résoudre effectivement ce problème. A partir de cette constatation et d'une proposition de travail originale, nous présentons une unité d'enseignement qui prévoit et stimule non seulement une analyse mais aussi une utilisation des proverbes chez les apprenants de Langue et Culture Portugaise.

**Mots-clé :** Parémiologie. Didactique. Portugais Langue Étrangère.

**Title:** « On the proverb in didactic context: working proposal »

**Abstract:** The proverb as a linguistic, semantic and cultural unit represents a privileged element for the development of advanced communicative competencies.

Within the Common European Framework of Reference for Languages, the proficient user (levels C1 and C2) should already reveal linguistic and socio-linguistic competencies which allow him/her to employ linguistic units of popular wisdom (e.g. proverbs). From a didactic perspective however proverbs are often not taken into consideration whereby teaching-learning structures on this subject are also not very common.

According to this data and based on an original working proposal it is thus our goal to present a didactic unit which simultaneously foresees and stimulates not only the analysis but also the use of proverbs by learners of Portuguese Language and Culture.

**Keywords:** Paremiology. Didactics. Portuguese as a Foreign Language.

## 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A discussão teórica e prática dos temas abordados no presente artigo surgirá dividida em três partes fundamentais: na primeira, procuraremos enquadrar teoricamente o provérbio no âmbito

do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira a nível universitário e de acordo com o *Quadro europeu comum de referência para as línguas*; na segunda e terceira, apresentaremos uma proposta de trabalho de conteúdo didáctico subordinada à paremiologia.

É, desde logo, premissa da nossa abordagem a caracterização do processo de ensino-aprendizagem com base na centragem no aprendente, bem como nos restantes factores que determinam o sucesso da actividade didáctica.

A centragem no aprendente, tal como previsto no Projecto de Línguas Vivas do Conselho da Europa, reinterpreta e reconfigura o ensino-aprendizagem de línguas.

Abandonadas as teorias behavioristas, surge a partir da década de setenta do século XX uma nova concepção do processo de ensino-aprendizagem através do qual se realçam como principais aspectos a caracterização do público-aprendente, a identificação das necessidades de comunicação específicas, quer do grupo quer do próprio indivíduo, e a formação contínua ao longo da vida<sup>1</sup>.

Neste contexto é, portanto, e em detrimento do conteúdo curricular, valorizado o público-aprendente. Este, outrora sujeito passivo e receptor, assume assim um papel activo e participante da sua própria aprendizagem, sendo o ensinante o mediador, o facilitador de todo o processo didáctico.

Pretende-se, deste modo, através do estímulo da curiosidade do aprendente, do respeito pelos seus interesses e objectivos, da criação de situações comunicativas interactivas, bem como da responsabilização do processo de auto-avaliação, “construir” em permanência indivíduos livres, competentes e competitivos, capazes de gerir (quase) autonomamente o seu processo de aprendizagem (Bertrand, 1998).

É neste contexto que julgamos essencial conjugar o saber abstracto com a vertente concreta da aplicação real dos conhecimentos já possuídos ou entretanto adquiridos, isto é, nas sociedades ocidentais (ditas desenvolvidas), onde a preocupação principal já não é a sobrevivência perante acontecimentos negativos de índole política, económica, social ou cultural (guerra, fome, sub-desenvolvimento económico, iliteracia, etc.), mas sim a manutenção de um bom nível de qualidade de vida, a educação deve assumir, do primeiro ao último ciclo de ensino, um papel fundamental para a formação de cidadãos doutos e competentes.

A necessidade de imposição deste princípio será, por norma, proporcionalmente inversa ao período de estudos realizado, todavia não deverá, nunca, ser descurada.

A premissa basilar da abordagem proposta assentará, deste modo, no equilíbrio entre os instrumentos teóricos e práticos dos quais o cidadão-aprendente deve poder dispor. Se, por um lado, os saberes, o conhecimento enquanto tal, representam “fontes de ancoragem identitária e cultural” (Perrenoud, 2003: 13), base da reflexão intelectual, por outro lado, a competência, numa acepção próxima de saber-fazer, permite a aplicação e utilização do conhecimento, a acção e a intervenção por parte daquele mesmo cidadão-aprendente.

Esta perspectiva, enquadrada, por exemplo, no âmbito do ensino-aprendizagem de línguas, remeter-nos-á para o que, já em 1990, tinha sido a tese de Bachman na obra *Fundamental Considerations in Language Testing* (Bachman, 1990), isto é, a competência (comunicativa) resulta da associação de dois factores que, apenas quando conjugados, permitem a proficiência linguística, ou seja, é necessário associar o conhecimento linguístico (o saber) à capacidade para o usar (competência *stricto sensu*). Por outras palavras, a formação educativa deve permitir (e promover) a aprendizagem e, concomitantemente, a utilização dos saberes. O sistema deve preparar o público-aprendente para a escola/universidade, mas também para a vida, mesmo que

---

<sup>1</sup> Para uma perspectiva evolucionista, confrontar *L'identification des besoins des adultes apprenant une langue étrangère* (Richterich e Chancerel, 1977); *Besoins langagiers et objectifs d'apprentissage* (Richterich, 1985). E em especial para o caso português, *Nível Limiar* (Casteleiro, 1988) e *Quadro europeu comum de referência para as línguas - aprendizagem, ensino, avaliação* (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

tal opção implique um momentâneo ou aparente abrandamento na normal progressão curricular do indivíduo.

O produto esperado (e desejado) desta equação aglutinadora contribuirá, assim, para o aparecimento de uma nova geração de cidadãos doutos de saberes/dotados de competências, mestres do conhecimento/práticos da vida cívica.

Quanto à questão relacionada com o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira no espaço europeu, devemos ter em conta algumas das considerações do *Quadro europeu comum de referência para as línguas* (Conselho da Europa, 2001). Este documento, dirigido a todos aqueles que directa ou indirectamente se ocupam da didáctica de línguas modernas, apresenta, por um lado, os três princípios básicos da política linguística europeia e, por outro, as suas medidas e objectivos fundamentais (Conselho da Europa, 2001: 20-23)

Em relação aos princípios básicos, reconhece-se que: i) o rico património europeu representado pela diversidade linguística e cultural é um recurso precioso que deve ser protegido e valorizado; ii) só um melhor conhecimento das línguas europeias modernas poderá facilitar a interacção, compreensão e cooperação entre os seus falantes; e iii) a cooperação e harmonização das políticas educativas poderão contribuir decisivamente para a convergência europeia.

Já em relação às medidas e objectivos fundamentais, procura-se entre outros: i) fornecer aos cidadãos europeus as ferramentas necessárias para que possam afrontar os desafios relacionados com a mobilidade e cooperação internacional em vários domínios (educação, cultura, ciência, comércio, indústria, entre outros); ii) promover a compreensão, tolerância e respeito mútuos entre as diferentes comunidades linguísticas e culturais; e iii) satisfazer as necessidades de uma Europa multilingue e multicultural.

São estas bases, associadas à aprendizagem de uma língua estrangeira, isto é, à aquisição de competências comunicativas por parte de um aprendente de forma a que possa desenvolver um amplo e profundo repertório linguístico e cultural, que nos permitirão seleccionar os respectivos âmbitos de actuação didáctica, quer a nível dos conteúdos linguísticos quer a nível dos conteúdos culturais.

Do ponto de vista estritamente paremiológico, se consultarmos os actuais manuais e métodos de estudo de Português Língua Estrangeira, verificamos que praticamente não existe qualquer tópico aprofundado sobre expressões proverbiais, mesmo quando não faltam razões para as usar no ensino-aprendizagem de línguas, quer como matéria-base onde exercitar aspectos linguísticos, quer como instrumento de motivação, quer como conteúdo informativo, quer ainda como conteúdo sociocultural.

O próprio *Quadro europeu comum de referência para as línguas* descreve a competência lexical enquanto conhecimento e capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua, incluindo “expressões fixas” (e.g. provérbios), e a competência sociolinguística enquanto conhecimento e capacidade para lidar com a dimensão social do uso da língua com destaque para as “expressões de sabedoria popular” (e.g. provérbios) (Conselho da Europa, 2001: 159, 169).

A sua não inclusão nos habituais programas didácticos representa, por conseguinte, uma grave lacuna no ensino-aprendizagem da língua, em geral, e da cultura, em particular.

O provérbio actua, indubitavelmente, como um instrumento privilegiado para o estudo, não só da língua e da sua componente gramatical, lexical, fonética e semântica, mas também da cultura oral e tradicional da comunidade que lhe está associada.

Susceptível de inúmeras aplicações, o provérbio estimula a discussão e análise intercultural em contexto sala de aula, quer através do recurso à tradução literal (quando aceitável) quer através da selecção de equivalentes semânticos (a mais natural).

A este propósito, e de acordo com uma hierarquia do grau de dificuldade da compreensão do provérbio<sup>2</sup>, o aprendente, aquando da sua abordagem e a fim de que o possa assimilar mais facilmente, irá por certo socorrer-se do princípio de relativismo cultural, isto é, procederá a uma avaliação da estrutura proverbial baseada na premissa de que cada cultura é, ao mesmo tempo, fonte inspiradora e resultado final da relação estabelecida com as suas congéneres e, por conseguinte, que existem frequentemente dados comuns e universais a quase todas elas<sup>3</sup>. Por outras palavras, o aprendente adulto não nativo, perante um provérbio, activa e confronta de imediato a sua cultura e língua materna, bem como os seus conhecimentos da língua-alvo, porém, ao identificar a função e estrutura contida naquela construção, mais do que uma simples análise linguística, compreende a necessidade de recorrer a uma sua leitura figurada. Transpondo e adaptando aquela que é a ideia defendida por Jean Piaget (Gama, 2003: 33), a compreensão e interpretação das estruturas proverbiais ocorrem fruto de um fenómeno de sincretismo verbal que se manifesta, primeiro, através da elaboração de raciocínios de analogia dos elementos que constituem o provérbio face a outros dados da realidade já conhecidos do aprendente, segundo, através da absorção directa e imediata do aspecto simbólico do provérbio e, terceiro, através da desconstrução gramatical e em detalhe das partes que o compõem. Neste sentido, aliás, mesmo quando se defronta com uma palavra desconhecida, o aprendente tenderá sempre a relevar o valor semântico do provérbio como um todo, se necessário substituindo e/ou ignorando o vocábulo em causa<sup>4</sup>.

## 2. ENQUADRAMENTO PRÁTICO

Perante a organização de uma actividade didáctica importa, antes de mais, identificar e caracterizar as suas várias fases, de forma a trabalhar convenientemente a necessária dimensão teórica e prática que aquela encerra.

Verificaremos, deste modo, que a actuação do educador com vista ao desenvolvimento de um conjunto de competências (comunicativas, linguísticas e culturais) se inicia muito antes do contacto directo com os aprendentes.

A primeira fase de todo este processo - a planificação - é, de facto, elaborada autonomamente pelo educador e consiste na definição e programação a curto, médio e longo prazo da actividade de ensino-aprendizagem em causa, tendo em conta os objectivos a alcançar, as estratégias a utilizar, o conteúdo e os materiais auxiliares a seleccionar, bem como os métodos de avaliação a aplicar.

A segunda fase - a interacção - é caracterizada pela relação dinâmica professor-aluno, encontra-se normalmente associada ao contexto sala de aula, e compreende três momentos distintos: a apresentação, a exploração e a fixação. Durante a fase de apresentação procura-se dar a conhecer os (novos) elementos de aprendizagem, o seu respectivo significado e sua eventual aplicação linguístico-cultural. Trata-se de um momento que deve ser (muito) breve, sob pena de prejudicar o primordial escopo previsto nas duas fases sucessivas, ou seja, o contacto directo com o verdadeiro conteúdo didáctico. A exploração da unidade didáctica prevê, então, e tal como o próprio nome indica, o desenvolvimento aprofundado dos elementos inicialmente

---

<sup>2</sup> Numa escala crescente: 1) presente e de tradução literal na cultura materna do aprendente, 2) presente e de tradução não literal na cultura materna do aprendente, 3) não presente, mas de fácil apreensão por parte do aprendente, e 4) não presente e de difícil apreensão por parte do aprendente.

<sup>3</sup> Mesmo quando não é possível para o aprendente encontrar um equivalente proverbial na sua cultura de origem, sabemos que fruto da sua estrutura formal (ritmo, brevidade) e semântica (juízo de valor didáctico ou argumentativo), o provérbio é reconhecido enquanto tal. Cf. Duarte (2002: "A utilização de provérbios e de expressões idiomáticas numa aula de PLE").

<sup>4</sup> « Pour éviter un décodage naïf - à la lettre - de la culture étrangère, il est bon de savoir que l'ordre des mots ne reproduit jamais strictement l'ordre des choses » (Bourdieu, 1979: 560).

enunciados através de estratégias de ensino-aprendizagem que promovam o tratamento de conteúdos comunicativos, linguísticos e culturais. Por último, a fixação representa o momento no qual se recorrerá, de acordo com as necessidades, a diferentes tipos de exercícios estruturais (substituições, transformações, expansões, pergunta-resposta, analogias, oposições, etc.), a fim de que as noções trabalhadas, e aparentemente compreendidas, possam ser realmente adquiridas.

A terceira e última fase que aqui gostaríamos de introduzir diz respeito ao processo sistemático pelo qual se determina o sucesso de toda a actividade - a avaliação - quer se trate da avaliação diagnóstica, a qual, na nossa opinião, acompanha todas as fases referidas, quer se trate da avaliação formativa, presente ao longo da interacção educador-aprendente, quer se trate ainda da avaliação sumativa enquanto riepílogo de todo o processo desenvolvido.

Considerados estes factores, verificamos que a elaboração de uma unidade didáctica dedicada aos provérbios satisfaz concomitantemente duas pretensões: de um modo geral, promove os três pilares sobre os quais se baseia a política linguística europeia com vista ao desenvolvimento da competência plurilingue e pluricultural do aprendente enquanto actor social e, de um modo específico, graças à disponibilização de material de trabalho passível de ser utilizado em contexto sala de aula, responde às necessidades sentidas no âmbito do ensino-aprendizagem de conteúdos linguístico-culturais<sup>5</sup>.

A unidade didáctica em anexo tem, por isso, como objectivos principais: a) desenvolver conteúdos linguístico-culturais avançados; b) apresentar códigos, valores e características próprias da sociedade portuguesa; c) motivar e estimular a empatia aprendente > comunidade-alvo e d) promover a discussão intercultural. Foi elaborada para um público-aprendente de Português Língua Estrangeira de nível avançado (C1, C2) e encontra-se dividida em VIII grupos fundamentais.

O grupo I apresenta um texto (oral e escrito) de algumas frases soltas do discurso de agradecimento de atribuição do Nobel da Literatura que José Saramago fez à Academia Sueca em 1998, bem como algumas imagens (uma fotografia e uma caricatura) do escritor. Pretende-se, assim, estimular a curiosidade e a empatia do aprendente face àquela personalidade da cultura portuguesa.

O grupo II disponibiliza, propositadamente, apenas alguns dados biográficos do escritor, de forma a que, quer através dos elementos apresentados quer através daqueles que o aprendente terá de pesquisar, se possa conhecer a vida e obra de José Saramago.

O grupo III encerra em si mesmo quatro propósitos essenciais: graças ao excerto da obra *Ensaio sobre a Cegueira*, 1) introduzir um exemplo da escrita de José Saramago; 2) promover a sua análise linguística (registo, pontuação, estruturas gramaticais, etc.); e 3) estabelecer a ligação com o outro tópico da unidade - a linguagem proverbial - e, graças ao vídeo da entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, 4) debater não só o tema tratado em *Ensaio sobre a Cegueira*, mas também a perspectiva do próprio escritor, quer sobre aquela obra quer sobre a sua relação com a sociedade e o mundo.

O grupo IV, inteiramente dedicado ao provérbio, procura ampliar os conhecimentos paremiológicos do aprendente através do contacto com diferentes formas proverbiais, suas características e uso pragmático. Concomitantemente, prevê e incita o confronto intercultural língua e cultura-alvo > < língua materna do aprendente, já que o convida a analisar comparativamente as realidades proverbiais ali presentes, discutindo inclusivamente a sua eventual tradução.

---

<sup>5</sup> Embora tenham sido proferidas tendo como objecto o ensino de Inglês Língua-Estrangeira, reportamos aqui as palavras de Martin Cotazzi e de Lixian Jin (1999: 217) a propósito da necessária abordagem intercultural de conteúdos linguísticos, não só pelos próprios manuais de estudo, mas também por parte daqueles que os usam - aprendentes e ensinantes: "It would be a useful development if more textbooks included explicit intercultural elements and if teachers [and learners, *nosso*] were more conscious of intercultural competence".

O grupo V, com uma vertente algo lúdica, apresenta três desenhos aos quais correspondem outros tantos provérbios. Assim, e para além da abordagem e potencialidades já previstas para o grupo anterior, este grupo V oferece ainda uma mais-valia gráfica que, enquanto instrumento de comunicação concretizador do pensamento abstracto e de fácil memorização, contribuirá decisivamente para a aquisição das estruturas proverbiais em causa.

O grupo VI, com um grau de dificuldade um pouco mais elevado, propõe uma tarefa de preenchimento de um quadro de palavras-cruzadas que, não só promove o estudo linguístico a nível gramatical, lexical e semântico, mas também permite o tratamento de ulteriores expressões proverbiais, neste caso subordinadas ao tema da cegueira.

O grupo VII representa, numa dupla vertente mas com uma só tarefa, o corolário do percurso até agora percorrido, ou seja, em sentido lato, renova a relação que se pode estabelecer entre o conceito de Língua e o conceito de Cultura e, em sentido mais restrito, apela à reflexão sobre o provérbio enquanto conteúdo linguístico e (inter)cultural.

O grupo VIII, o último desta unidade, estabelece a ponte com o mundo áudio-visual e propõe a adaptação cinematográfica da obra de José Saramago *Ensaio sobre a Cegueira* realizada por Fernando Meirelles - *Blindness*. Este filme, embora seja em língua original inglesa, quando apresentado com legendas em português (eventualmente a única língua segunda dominada pelo aprendente), estimula o pensamento na língua estrangeira alvo e, simultaneamente, fornece vários elementos que facilmente poderão ser utilizados no âmbito de um posterior comentário e/ou debate (escrito/oral) em contexto sala de aula, desenvolvendo-se assim, também neste grupo, diferentes actividades de compreensão e de expressão escrita e oral.

Em jeito de conclusão, assumimos desde já que estamos consciente de que não se trata de uma proposta perfeita, todavia, e ao mesmo tempo, gostaríamos de acreditar que a unidade didáctica ora apresentada pode afigurar-se como o mote ideal para recuperar os provérbios como matéria de ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira. Caberá assim, agora, ao ensinante, e ao próprio aprendente, gerir a sua utilização.

### 3. UNIDADE DIDÁCTICA

#### Grupo I

- Conhece o autor destas frases?
- Quem é a personalidade representada nas imagens?

1. De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz.
2. O homem mais sábio que conheci não sabia ler nem escrever.
3. Em certo sentido poder-se-á mesmo dizer que, letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, tenho vindo, sucessivamente, a implementar no homem que fui as personagens que criei.
4. Cegos. O aprendiz pensou: “Estamos cegos”, e sentou-se a escrever *Ensaio sobre a Cegueira*.

Tarefa:

Identifique o autor a partir das frases e imagens apresentadas.

#### Grupo II

- O que sabe sobre a vida de José Saramago?

Biografia:

1922 - Nasce na aldeia da Azinheira (Ribatejo, Portugal);

1955 - Começa a trabalhar como tradutor;

1966 - Publica a sua primeira obra de poesia *Os Poemas Possíveis*;



- 1979 - Publica a sua primeira peça de teatro *A Noite*;  
 1982 - Publica *Memorial do Convento*;  
 1985 - É nomeado comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada pelo Presidente da República, Mário Soares;  
 1992 - Vê a sua candidatura ao Prémio Literário Europeu impedida pelo Governo português;  
 1993 - Transfere-se para Lanzarote (Ilhas Canárias, Espanha);  
 1998 - É galardoado com o Prémio Nobel da Literatura;  
 2007 - Cria a Fundação José Saramago;  
 2008 - Assiste à estreia do filme *Blindness*.

Tarefas:

Discuta os elementos e datas apresentadas.

Complete a lista com outras datas que considere relevantes. Justifique as suas escolhas.

### Grupo III

- Conhece a obra de José Saramago?
- Conhece algum provérbio em Português?

1.

Conheces o ditado, Qual ditado, O trabalho do velho é pouco, mas quem o despreza é louco, Esse ditado não é assim, Bem sei, onde eu disse velho é menino, onde eu disse despreza é desdenha, mas os ditados, se quiserem ir dizendo o mesmo por ser preciso continuar a dizê-lo, têm de adaptar-se aos tempos.

In *Ensaio sobre a Cegueira*

Tarefas:

Analise o excerto apresentado.

Identifique o provérbio e discuta-o com os colegas e o professor.

2. Vídeo “Entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*”:

<http://www.youtube.com/watch?v=BOLhNxBo6Xo>

Tarefa:

Exprima e justifique a sua opinião sobre a perspectiva apresentada por José Saramago, quer no livro quer na entrevista.

### Grupo IV

- Conhece o provérbio?

Quadro A	Quadro B
Do mal, Candeia que vai adiante, Quem corre por gosto, Morrendo o bicho, Olhos que não vêem, Fui a casa da vizinha, envergonhei-me,	alumia duas vezes coração que não sente voltei para a minha, remediei-me não cansa acaba-se a peçonha o menos

Tarefas:

Encontre o provérbio correcto, ligando os elementos do Quadro A aos do Quadro B.

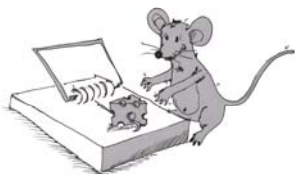
Identifique o sentimento, valor ou ideia presente em cada um dos provérbios.

Seleccione três provérbios e apresente outros três com sentido equivalente ou oposto.

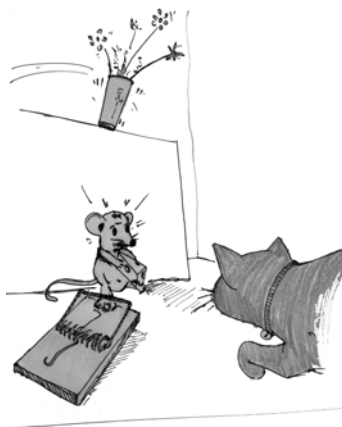
**Grupo V**

- Conhece o provérbio?

1.



2.



3.



Tarefa:

Identifique os provérbios representados nos desenhos 1, 2 e 3.

**Grupo VI: - Quer jogar?**

HORIZONTAIS: 1- Ensaio sobre a (...), livro de José Saramago. 7- Compaixão. 8- Caixa em que se recolhem os votos nas eleições. 9- “Em terra de cegos quem tem um olho é (...)”. 11- Desloca-se para fora. 14- Preposição designativa de falta. 16- Rosto. 18- “A cegueira quando dá é pela (...)”. 20- Que tem saúde (fem.). 21- Tornar-se raro. 22- Não sabe. 24- Habitado. 25- Ovário dos peixes. 27- Ligação (fig.). 28- Avenida (abrev.). 30- “Ao cego não dão cuidado os (...)”. 33- Corrigi. 35- Que é feito de cobre, de bronze ou de arame. 36- Motejo. 37- Queimar.

1		2	3	4	5	6		7	
		8				9	10		
11	12					13		14	15
	16		17			18	19		
20					21				
		22		23					
24							25	26	
						27			
29	29		30			31			32
33		34			35				
	36					37			

VERTICAIS: 1- Tira de pano que cinge e se aplica em volta de certas peças de vestuário. 2- “A (...) de um cego não pode ser outro cego”. 3- Pátria de Abraão. 4- Criatura. 5- Caminhava para lá. 6- Aspecto (fig.). 7- Regime especial de alimentação. 10- Nome da letra S. 12- Canseira. 13- Somítico. 15- Sinal distintivo de um produto. 17- “A ver vamos” como diz o (...). 19- Cólera. 20- Bafejar. 21- Artigo ou folhetim de jornal paginado na margem inferior da folha. 22- Imposto sobre o Valor Acrescentado (abrev.). 23- Contração de “em” com “a”. 25- “A cegueira quando dá é pelos (...)”. 26- Meio e modo de locomoção (das aves, insectos, morcegos, aeroplanos, etc.), através do ar. 27- Pronome pessoal (3<sup>a</sup> pessoa do plural). 29- “Não há maior cego do que o que não quer (...)”. 30- Aqui está. 31- Época. 32- Ente. 34- Observei.

Tarefa:

Complete o quadro.

**Grupo VII**

- O que pensa sobre...?

Língua e Cultura são conceitos indissociáveis.

Concorda?

Em que medida os provérbios estão relacionados com esta afirmação?

Tarefa:

Responda por escrito e justificadamente (extensão mínima: 50 linhas).



**Grupo VIII**

- Já viu o filme...?

Filme *Blindness* (2008), de Fernando Meirelles.

Tarefa:

Comente a adaptação cinematográfica da obra de José Saramago *Ensaio sobre a Cegueira* realizada por Fernando Meirelles.

**Chave de correcção****Grupo I**

- José Saramago.

**Grupo II**

Resposta aberta. Elementos exemplificativos:

- 1947 - Publica o seu primeiro romance *Terra de Pecado* (primeira obra publicada);
- 1969 - Filia-se no Partido Comunista Português (característica influenciadora da sua personalidade, enquanto cidadão e escritor);
- 1991 - Publica o romance *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (obra polémica, motivo da exclusão da sua candidatura ao Prémio Literário Europeu, bem como da sua futura ida para Lanzarote).

**Grupo III**

1. Resposta aberta. Elementos exemplificativos:

- Excerto característico do discurso narrativo de José Saramago, nomeadamente na obra *Ensaio sobre a Cegueira*;
- Provérbio enquanto ensinamento;
- Provérbio como unidade linguística fixa;
- Provérbio como unidade linguística modificável.

"O trabalho de menino é pouco, mas quem o desdenha é louco".

2. Resposta aberta. Elementos exemplificativos:

- Frases de José Saramago: "Nós estamos todos cegos", "Nós não merecemos a vida", "Vivemos na delinquência";
- História da Humanidade é um desastre contínuo;
- Raiva de José Saramago contra a espécie humana;
- Razão vs Instinto;
- A história (a vida) é um ciclo;
- *Ensaio sobre a Cegueira* como manifesto contra o modo como o ser humano usa a razão.

**Grupo IV**

Resposta aberta. Elementos exemplificativos:

- Do mal, o menos

De entre várias hipóteses negativas, escolha-se a que tiver menor impacto, a que prejudicar menos (Equivalente: Antes perder a lã que a ovelha);

- Candeia que vai adiante, alumia duas vezes

Uma vantagem no sítio certo tem uma dupla utilidade;

- Quem corre por gosto, não cansa

Quando se realiza uma tarefa, mesmo que árdua, com prazer e/ou voluntariamente, as desvantagens associadas passam para segundo plano;

- Morrendo o bicho, acaba-se a peçonha

Quando desaparece um mal ou uma ameaça, terminam igualmente as suas consequências negativas;

- Olhos que não vêem, coração que não sente

Se não virmos ou não soubermos de um determinado facto e/ou pessoa, este e/ou esta não nos pode afectar, quer positiva quer negativamente (Equivalente: Longe da vista, longe do coração);

- Fui a casa da vizinha, envergonhei-me, voltei para a minha, remediei-me

Fruto do natural embaraço que se sente perante outrem, só em âmbito privado e/ou sozinho, conseguimos resolver determinadas situações (Oposto: Uma mão lava a outra, e ambas lavam o rosto).

**Grupo V**

- 1. Quem não arrisca, não petisca;
- 2. Uma desgraça nunca vem só;
- 3. Quem não tem cão, caça com gato.

**Grupo VI**

HORIZONTAIS: 1- CEGUEIRA. 7- DÓ. 8- URNA. 9- REI. 11- SAI. 14- SEM. 16- FACE. 18- VISTA. 20- SÃ. 21- RAREAR. 22- IGNORA. 24- POVOADO. 25- OVA. 27- ELO. 28- AV. 30- ESPELHOS. 33- REVI. 35- ÉREO. 36- RISO. 37- ASSAR.

VERTICAIS: 1- CÓS. 2- GUIA. 3- UR. 4- ENTE. 5- IA. 6- AR. 7- DIETA. 10- ESSE. 12- AFÃ. 13- AVARO. 15- MARCA. 17- CEGO. 19- IRA. 20- SOPRAR. 21- RODAPÉ. 22- IVA. 23- NA. 25- OLHOS. 26- VOO. 27- ELES. 29- VER. 30- EIS. 31- ERA. 32- SER. 34- VI.

**Grupo VII**

Resposta aberta. Elementos exemplificativos:

- Língua como elemento identificativo de um povo;
- Cultura como elemento identificativo de um povo;
- Provérbios enquanto manifestação da língua;
- Provérbios enquanto manifestação da cultura;
- Língua/Cultura/Provérbios como símbolo próprio de uma só comunidade;
- Língua/Cultura/Provérbios como símbolo partilhado por diferentes comunidades.

**Grupo VIII**

Resposta aberta. Elementos exemplificativos:

- Filme (não) é fiel/melhor/pior do que o livro quanto ao enredo, personagens, lugares, linguagem proverbial, entre outros.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BACHMAN, L. (1990): *Fundamental considerations in language testing*. Oxford: Oxford University Press.
- BERTRAND, Y. (1998): *Théories contemporaines de l'éducation*. Montréal: Éditions Nouvelles.
- BOURDIEU, P. (1979): *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*. Paris: Éditions de Minuit.
- CASTELEIRO, J. M. *et al.* (1988): *Nível Limiar*. Lisboa: ICALP.
- CONSELHO DA EUROPA (2001): *Quadro europeu comum de referência para as línguas - aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.
- COTAZZI, M.; JIN, L. (1999): "Materials and methods in EFL classroom", in HINKEL, Eli (Ed.) (1999): *Culture in Second Language Teaching and Learning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUARTE, H. (2002): "A utilização de provérbios e de expressões idiomáticas numa aula de PLE", in AA.VV. (2002): *Cadernos de PLE n. 2*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- GAMA, M. (2003): *A compreensão do provérbio em contexto didático*. Lisboa: Faculdade de Letras (Tese de Mestrado).
- PERRENOUD, Ph. (2003): *Porquê construir competências a partir da escola?* Porto: Edições ASA.
- RICHTERICH, R. (1985): *Besoins langagiers et objectifs d'apprentissage*. Paris: Hachette.
- RICHTERICH, R.; CHANCEREL, J.-L. (1977): *L'identification des besoins des adultes apprenant une langue étrangère*. Strasbourg: Conseil de l'Europe.